

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

FALAS SOBRE SEXUALIDADE

Marta Friederichs.¹

Resumo: Este texto tem como tema falas sobre sexualidade em *blogs* de mulheres que escrevem sobre si. Para tanto, utilizei quatro *blogs* escritos por sujeitos que, pelas suas “falas”, possibilitam pensar que são mulheres, brasileiras, nascidas na década de 1970 que mantiveram o seu *blog* atualizado, ou seja, escreveram *posts* com regularidade durante o primeiro semestre de 2008. Os *blogs* utilizados foram: *Cérebro Eletrônico*, *Confissões de uma Balzaquiana*, *Diário de Lulu* e *Entretantas Eu*. O texto está inserido no campo de análise pós-estruturalista. Adotei, também, como referência os Estudos Feministas e os Estudos *Queer*, principalmente as vertentes que se aproximam com as teorizações de Michel Foucault.

Palavras-chave: *Blogs*. Cultura. Sexualidade.

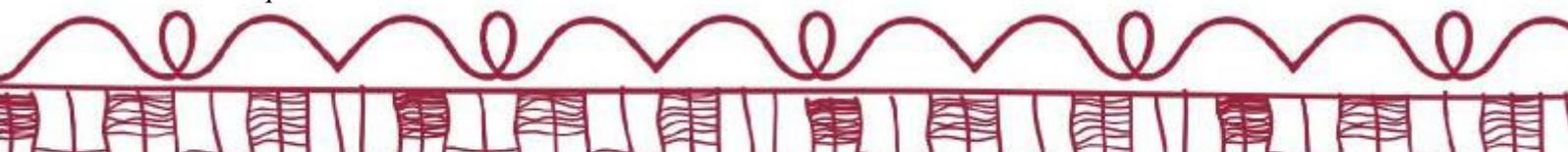
A série de mudanças culturais e tecnológicas que possibilitou que os sujeitos pudessem escrever sobre si na internet relaciona-se ao momento em que o computador conectado à internet passou a ocupar um lugar importante no ambiente individualizado do trabalho ou no espaço privado dos lares, garantindo ao usuário/a o passaporte para entrar na rede e, através das páginas do seu *blog*², contar seu cotidiano para alguns/mas (ou muitos/as) leitores/as.

Lendo alguns *blogs* soube de certos segredos, li histórias de amor, brigas com namorados, fetiches por sapatos, exageros com o chocolate, problemas no trabalho, planos para um novo ano. Li uma outra versão da ocupação de terra pelo MST³ ou de escândalos políticos. Espiei a sexualidade, corpos apareceram escritos, fronteiras de gênero foram transitadas.... Soube dos lugares “chiques” nos quais uma blogueira

¹ Fisioterapeuta. Doutoranda em Educação no PPGEduc – UFRGS. E-mail: martacf@portoweb.com.br

² Os *blogs* são formas contemporâneas de escrita na internet que se popularizaram no final da década de 1990. Nessas páginas *on line*, pessoas comuns, ou não, escrevem sobre suas vidas privadas ou áreas de interesse, publicam notícias e/ou temas veiculados na imprensa emitindo ou não sua opinião, trocam receitas, comentam sobre cinema ou futebol... Expressam sua cultura, seus estilos de vida, seus saberes. Assim como à maior parte do espaço virtual, aos *blogs* não se aplica a mesma censura imposta a outros meios de comunicação como à televisão, ao rádio, às revistas e ao jornal, o que permite à autora do *blog* publicar seus textos, sem intermediários, mas contando, certamente, com sua autocensura. Os diretórios que hospedam a maioria dos *blogs* escritos no Brasil, como o *Blogger* e sua versão brasileira, o *Blogger Brasil*, deixam claro que não se responsabilizam pelas informações e/ou comentários ali publicados. Apenas solicitam ao/a leitor/a da página que denuncie a pornografia infantil, a pedofilia e a prostituição.

³ Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST): refiro-me aqui à invasão da fazenda Coqueiros em dezembro de 2007.



portuguesa gosta de almoçar, como se envolveu com um homem casado, de suas fantasias que, expostas na rede, foram conquistando milhares de leitores.

Os *blogs* são compreendidos, neste texto, como um artefato cultural. O que me interessa, então, é o próprio texto e sua capacidade de expressar modos contemporâneos de ser e estar no mundo, assim como veicular formas de vivenciar e experimentar o corpo. Sendo assim, os milhões de *blogs* que se proliferam pela internet podem ser pensados como um artefato da cultura contemporânea, midiaticizada, inserida em processos de significação e redes de poder. Por serem artefatos culturais, assim como *sites*, revistas, filmes, programas de televisão e livros didáticos⁴, os *blogs* articulam saberes ensinando formas de ser e viver, mostram posições sociais para o homem e para a mulher ocuparem, falam de sexualidade e das estratégias de sedução que contam em nossa cultura e sociedade. Os *posts*⁵ articulam conceitos que, de um modo ou de outro, são resultantes ou integrantes das práticas discursivas correntes na cultura da qual a blogueira participa. Penso, pois, os *blogs* como uma das tantas possíveis formas de produzir “verdades” e saberes na contemporaneidade.

Para analisar os fragmentos dos *posts*, atenta para o modo como ali se fala da sexualidade, aproximei-me da Análise Cultural. Para tanto, procurei articular as falas sobre sexualidade escritas nos *posts* à cultura contemporânea, levando em conta diversos discursos que a constituem e, em alguma medida, aspectos históricos e epistemológicos articulados nesses discursos. Entendo a cultura como o conjunto de saberes e práticas de uma certa sociedade em determinada época, mediados por relações de poder, que institui posições a serem ocupadas pelos sujeitos. Dagmar Meyer (2002, p.377) ressalta o fato de a cultura se constituir como um campo de luta “em que ‘novas’ práticas são inventadas e ‘velhas’ práticas são revitalizadas e conectadas a múltiplos e divergentes interesses e estratégias de governo da vida de grupos de indivíduos e populações”.

Para analisar essas falas sobre sexualidade, vali-me de contribuições dos Estudos Feministas e da Teoria *Queer*. Campos de estudo que se opõem ao determinismo biológico muitas vezes utilizado para hierarquizar as relações entre os sexos, etnias e sexualidades, assim como se vêem articulados a lutas sociais e políticas que buscam perturbar a hegemonia do discurso dominante que posiciona os sujeitos desviantes da “norma” num polo de menor valor. Desse modo, em certos momentos (em especial nos

⁴ Ressalto que há diferenças entre cada um dos artefatos culturais citados.

⁵ Textos do *blog*, organizados em ordem cronológica.

Estudos *Queer*), chamam atenção a outras formas de representar os corpos e a sexualidade, opostas ao binarismo, aos polos hierarquizados e à heterossexualidade compulsória. Esses/as estudiosos/as, ao visualizar as representações do corpo na história, buscam problematizar a caracterização do corpo como um dado “natural”, que contém uma essência.

Porém, Não desconheço que existem relevantes focos de tensão entre os Estudos Feministas, os Estudos Gays e Lésbicos e a Teoria *Queer*. Conforme Louro (2006), é possível pensar como um dos focos de tensão entre esses campos de estudo a política de identidade, central à afirmação feminista, gay e lésbica, uma vez que, para teóricos *queer*

[...] uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, na medida em que ela mantém como referência para a construção de suas demandas ou de suas lutas a ‘norma’, isto é, o sujeito masculino heterossexual. Para teóricos e teóricas *queer*, seria necessário pensar, agora, numa política e numa teoria pós-identitária, que se voltasse não propriamente às condições de vida de homens e mulheres homossexuais, mas que tivesse como alvo, fundamentalmente, a crítica da oposição que, segundo suas análises, organiza as práticas sociais, as instituições, o conhecimento, as relações entre os sujeitos (LOURO, 2006, p. 26).

Sendo assim, utilizo minhas observações feitas durante o primeiro semestre de 2008 em quatro *blogs* escritos por sujeitos que se declaram mulheres, brasileiras, nascidas durante a década de 1970 a fim de analisar como elas, nas páginas do seu *blog*, falam dos prazeres do sexo, de sexualidade. Os *blogs* utilizados foram: *Cérebro Eletrônico*⁶ escrito pela Raí, *Confissões de uma Balzaquiana*⁷ escrito pela Annie, *Diário de Lulu*⁸ escrito pela Lulu e *Entretantas Eu*⁹ escrito pela Jana.

Cabe, desde já, comentar que entendo a sexualidade como uma construção histórica. Michel Foucault (2006) propõe pensar a produção e proliferação dos discursos sobre o sexo como um dispositivo¹⁰, ao qual denomina, “dispositivo da sexualidade”. É através desse dispositivo que se organizam as relações sociais, que se fazem os corpos sexuais, que se possibilitam certas práticas, que se tolhem outras. Para esse filósofo pós-estruturalista, não se deve conceber a sexualidade “como uma espécie de dado da

⁶ <http://maisumcerebroeletronico.blogspot.com>

⁷ <http://balzaquiana.wordpress.com>

⁸ <http://lulu-diariodalulu.blogspot.com>

⁹ <http://entretantas-eu.blogspot.com>

¹⁰ Dispositivo refere-se a um conjunto de estratégias de poder-saber que se conectam a outros discursos para que exerçam efeitos de verdade.

natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar” (FOUCAULT, 2006, p. 116-117) mas como o

[...] nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Pensar a sexualidade como uma construção histórica abre possibilidades para um trabalho de reinvenção individual e coletivo. Entretanto, Tânia Swain (2006) chama atenção ao fato do “dispositivo da sexualidade” continuar atuante na nossa sociedade de um modo cada vez mais sutil e sofisticado. Valendo-se da exposição do corpo das mulheres na mídia, esse dispositivo reforça um imaginário sexual bastante tradicional, ancorado na heterossexualidade compulsória. Institui campos de saber que, além de prescrever as práticas amorosas e sexuais que se deve experimentar, indica também o corpo que deve ser produzido para vivenciar a sexualidade, define os gostos e os gestos adequados, busca normatizar o prazer. Deste modo, através de relações de poder-saber, vamos nos tornando sujeitos que aprendem a desejar um determinado corpo de um determinado sexo, a eleger determinadas formas de viver a sexualidade, de ter prazer, bem como de repelir outras consideradas sujas, perversas, anormais, bizarras.

Até a década de 1960, as mulheres, publicamente, pouco podiam falar dos prazeres do sexo. O sexo era “assunto” de conversas privadas, particulares, íntimas que, muitas vezes, estavam relacionadas a questões e dúvidas sobre a anatomia, o ato sexual, ou então, após a menarca como preparação para a experiência heterossexual. A luxúria, o gozo, os prazeres do sexo, quando assuntos dessas conversas, provavelmente pelo recato destinado ao feminino, ficavam no sigilo. E, quando alguma mulher buscava esses “prazeres” fora do casamento, e/ou com alguém do mesmo sexo, corriam boatos, as experiências eram contadas como histórias com final triste e trágico para a mulher. Num tom pedagógico, ensinava-se às outras mulheres o que elas não deveriam ser e/ou fazer.

Com a emergência de maiores condições para as mulheres deixarem a esfera privada, e estar no espaço público, muitas vezes exercendo atividades profissionais remuneradas, a divisão dos espaços pautada em noções de gênero e sexo foi sendo transgredida. Essas mudanças sociais e culturais foram fundamentais para que as posições de submissão e obediência aos homens fossem se fragmentando. Assim, a

experiência sexual foi se desvinculando do casamento e da maternidade e a busca pelo prazer, pelo gozo foi se tornando, de algum modo, imprescindível (BOZON, 2003). Miriam Goldemberg (2007) fala de Leila Diniz, mulher carioca, nascida em 1945, que perturbou diversos estereótipos destinados às mulheres da sua época ao defender o “amor livre”, o casal morar em casas separadas, a gravidez com opção fora do casamento tradicional, a espetacularização de um corpo sensual, que se dá aos prazeres, mesmo quando grávido.

A feminista francesa e professora de filosofia, Elizabeth Badinter (2006), aponta as reivindicações feministas¹¹ da década de 1960, em relação à contracepção e ao aborto, como uma boa oportunidade para as mulheres experimentarem mais livremente o sexo. Momento também em que as mulheres passaram a falar publicamente do prazer, do sexo, embora ainda atrelado a uma lógica heterossexual. Para ela, “como ninguém mais pode ignorar - nem mesmo as crianças pequenas -, o sexo está por toda a parte, exibido com crueza no cinema, na televisão, na publicidade, nas revistas, na literatura ou nas conversas particulares” (BADINTER, 2006, p. 102). Então, na contramão do que diz Annie, no recorte abaixo, comenta-se, e muito, sobre o sexo.

O papo é sobre um assunto que todo mundo adora mas que ninguém comenta rs SEXO ..hahaha (Annie, 01/05)

É importante pensar o modo como o sexo se trama nos discursos e o quanto somos incitados a falar sobre ele. Foucault (2006) aponta que, desde a Era Vitoriana¹², o sexo foi posto em discurso e, aliado a um saber científico validado pela medicina, produziu-se, pela confissão, uma “verdade” sobre o sexo, a fim de melhor controlar a sexualidade. Quando Annie, ao se referir ao sexo, diz “ninguém comenta” é importante pensar que “o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem devotado a falar sempre dele, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 2006, p. 36). Assim, ao ser posto em discurso,

¹¹ É importante comentar que houve muitos embates entre as diferentes vertentes feministas. Badinter (2006) aponta a crítica das feministas lésbicas radicais em relação à “liberação” da sexualidade proposta pelas feministas libertárias uma vez que essa suposta “liberação” poderia favorecer a banalização da sexualidade bem como reforçar a dominação masculina.

¹² A Era Vitoriana refere-se ao período do reinado da Rainha Vitória, no Reino Unido, a partir de junho de 1837 a janeiro de 1901 (século XIX). Foi um período de paz e prosperidade (Pax Britannica) para o povo britânico. Foi o auge e a consolidação da Revolução Industrial. Houve o surgimento de novas invenções, o desenvolvimento de uma grande e educada classe média. A segunda metade da Era Vitoriana coincidiu com a primeira parte da “Belle Époque”, ocorrido principalmente na Europa continental. (Disponível em: <[http:// pt.wikipedia.org/](http://pt.wikipedia.org/)>, último acesso em 13/06/2009).

mesmo em tom de segredo, são produzidas verdades e saberes sobre as práticas sexuais o que induz, regula, controla e suscita determinados modos de se desejar o prazer, de viver a sexualidade. Cabe ressaltar que os modos de se ter prazer são invenções culturais, os desejos são criações históricas e sociais. Dessa forma, pelo modo como se fala de sexo, somos ensinados/as e ensinamos modos de experimentar os prazeres, bem como, com quem experimentá-los. Então, de que modo esse assunto aparece nas falas dessas blogueiras? Como falam dos prazeres do sexo? Como as representações de gênero esperadas para o feminino se tramam à sexualidade? Num de seus *post*, diz Lulu:

Quero que me descubram e explorem cada parte do meu corpo, com fascínio, humor, prazer e adoração. (Lulu, 20/04)

Pela fala de Lulu, é possível observar uma mulher que oferta o seu corpo ao prazer. Que, ao falar de sexo, propõe, aos sujeitos, a possibilidade de explorar todas as partes do corpo, deslocando das zonas consideradas erógenas, como os órgãos sexuais, as sensações de prazer e incitando o desejo por outras experiências, diversas sensações. Entretanto, é um corpo que se oferece, que se dá, que demonstra passividade. Recorto também a seguinte fala, de um *post* escrito pela Annie:

Faz tempo que não lembro de mim tão ativa ou seja tão magra risos e fazer amor assim eu garanto ganhou outra satisfação, marido fica mortinho da silva e eu me achando a Dayanne dos Santos hahahhaa menos tá bom nada de piruetas nem triplo mortal hahaha mas que a “alegria” melhorou melhorou hahahaha, podem perguntar a ele. (Annie, 01/05)

Mesmo dizendo estar mais ativa é o marido de Annie quem fica “mortinho da silva” o que me faz pensar no grande prazer que a sua “atividade” foi capaz de proporcionar ao seu parceiro. E quando diz que “a alegria melhorou” é ao seu marido que devemos perguntar, como se ele fosse o responsável por validar a “alegria” dos dois.

Estudos abordando a sexualidade feminina têm sido realizados adotando como artefatos culturais revistas dirigidas às mulheres brasileiras, como *Cláudia*, *Nova*, *Capricho* e *Toda Teen*. Mesmo sendo essas revistas destinadas a mulheres de diferentes idades¹³, apontam, em comum, a valorização da heterossexualidade, de relacionamentos

¹³ A revista *Toda Teen* é publicada mensalmente pela editora *Alto Astral* e a *Capricho* quinzenalmente pela *Editora Abril*, ambas são direcionadas ao público adolescente feminino. A revista *Nova* é direcionada a mulheres com idades de 18 a 40 anos e a *Cláudia* a mulheres com

monogâmicos (podendo ser ocasionais) e do amor romântico. As reportagens publicadas nesses artefatos “ensinam” às mulheres a ter atitude para buscar o prazer, entretanto, essa “busca pelo prazer” é pautada na satisfação do parceiro. Referem que as matérias veiculadas nas revistas mantêm um padrão binário de gênero, denotando uma polaridade hierárquica e que reescrevem atitudes e comportamentos femininos ligados à sexualidade que, apesar de parecerem ousados e avançados, permanecem pautados na heterossexualidade compulsória e na manutenção da hierarquia dos gêneros onde os prazeres do sexo pertencem ao masculino (COSTA, 1995; XAVIER, 2007; SANTOS e SILVA, 2008). Daniella Santos e Rosalina Carvalho da Silva (2008) destacam o que denominaram “jeitinho feminino”, ou seja, um modo de a revista ensinar a mulher a “paquerar” dando ao homem a certeza dele ter sido o conquistador, e não o conquistado, reiterando a passividade destinada ao feminino, “jeitinho” que se aproxima da fala de Lulu e de Annie, comentadas anteriormente.

Entretanto, mesmo que muitas vezes a busca pelos prazeres do sexo aconteça de modo a proporcionar prazer ao homem, é possível perceber importantes deslocamentos em outras falas recortadas destes *blogs*.

Ao contrário do que muita gente pensa, acho possível sim o amor sem sexo, sem digamos, intenções carnais, mesmo que não pra sempre (afinal ninguém é de ferro!). (Raí, 26/02)

Então que tava andando na rua ontem e na minha frente vinha uma moça conversando com uma senhora de mais ou menos 70 anos. Ai que a guria fala: 'então vó, eu to FUDIDA! E a senhora dentro de sua sabedoria, para e olha para a neta e dá um dos melhores conselhos que já ouvi na minha vida. ' Mas minha filha, que graça essa vida tem se a gente não 'fuder'? E caiu numa gargalhada. Eu atrás não me agüentei e ria também. Pois é. Não dá para perder o humor principalmente quando estamos 'fudidas'. (Jana, 29/01)

Num tom de aparente romantismo Raí declara acreditar no amor sem sexo, mas em seguida assume que não para sempre. Ao fazer uso da expressão popular “ninguém é de ferro” atribui um caráter tentador, sedutor, irresistível ao sexo. Jana, ao contar da conversa que escutou, na rua, entre uma avó e sua neta, concorda com a sabedoria da avó que concede ao sexo a graça da vida. Falas em que é possível observar mulheres destacando a importância do sexo, dos prazeres, do gozo como parte da sua vida. Prazeres que, nas falas de Jana apresentadas a seguir, também podem ser obtidos,

solitariamente, na masturbação e que, quando deixam de acontecer, soam como uma praga pesada, um problema:

Ta me plagiaram, mas o mais interessante foi constatar que nenhum texto da guria tem comentário. Por que alguém copia textos alheios se ninguém vai lê-los? Satisfação pessoal? Sei lá, a mangueirinha do chuveiro pode causar o mesmo efeito... (Jana, 05/06)

Isso que ainda to nas pragas leves, nem cheguei naquelas que dizem que sofrerei um acidente, que eu ficarei frígida se ignorar aquela mensagem, igual Kletynn de não sei onde (poruqe esse povo que ignora ou que não ignora as mensagens nunca se chama maria, João...). (Jana, 19/05)

mas o problema dela de verdade é falta de sexo. Tsc. (Jana, 16/05)

Na esteira das falas de Jana pode-se pensar num “novo” modo da mulher falar do sexo? De valorizar os prazeres do sexo? De experimentar o seu corpo em busca de prazeres, mesmo que “solitários”? Badinter (2006), ao comparar duas pesquisas realizadas na França sobre a sexualidade¹⁴, aponta que, na década de 1990, as mulheres se masturbavam mais do que vinte anos antes, o sexo oral havia se tornado uma prática largamente difundida, e muitas mulheres haviam experimentado a penetração anal. Olhar revistas ou assistir a filmes pornográficos ainda era uma prática marcadamente masculina, embora muitas mulheres já aderissem a esse ato. Como práticas que raramente foram assumidas pelas mulheres estavam a utilização de serviços telefônicos de comércio sexual, relações sexuais a três, a troca de parceiros (*swing*) e a utilização de objetos para obter a excitação sexual. Já, uma pesquisa mais recente, demonstrou que as mulheres jovens praticam mais a sodomia do que no passado, têm uma concepção mais igualitária em relação ao gozo e rejeitam os estereótipos de outrora (por exemplo, sexo vinculado à reprodução, que desqualificava o prazer sexual), estão mais exigentes em relação aos prazeres do sexo e muitas mulheres declararam não manter um relacionamento se o parceiro não as fizesse gozar¹⁵. Resultados que, mesmo guardando o deslocamento da pesquisa ter sido feita na sociedade francesa, são aparentes nas falas de Jana.

¹⁴ A autora faz referência à pesquisa quantitativa, realizada em 1992, com uma amostra de vinte mil pessoas, mediante a utilização de um questionário telefônico e à pesquisa qualitativa, realizada em 2002, por Janine Mossuz-Lavau, com a mostra de setenta sujeitos pelo método de entrevistas aprofundadas (BADINTER, 2006).

¹⁵ A resenha desse livro de Badinter, *Rumo Equivocado*, publicada na *Revista de Estudos Feministas*, de dezembro de 2008, e assinada por Sebastião Votre e Hugo Lovisolo, apresenta algumas diferenças e aproximações dos pontos apresentados pela autora, em relação a sociedade francesa, com a sociedade brasileira. Como pontos comuns apresentam os avanços das leis de proteção às mulheres. Os autores da crítica não comentam possíveis aproximações em relação às pesquisas feitas sobre a sexualidade.

Lulu ao contar do grande estranhamento de morar sozinha, após o término de seu casamento, no *post* intitulado “*hábitos caseiros*” comenta das opções que encontra quando chega sozinha em casa, dentre elas há a possibilidade de acessar *sites* de pornografia pela internet:

Essa é a parte que talvez esteja me causando menos estranheza, e que ando mais pesquisando. Chego e ligo o som? Chego e tiro a roupa? janto às três da manhã? Fico o dia inteiro na frente do computador? A que horas leio? Quando ligo para os amigos? Dou cambalhotas pelo corredor da sala? Fico vendo pornografia na internet? Faço minhas respirações de ioga sem vergonha de pagar mico na frente dele? (Lulu, 14/01)

Para quem tem acesso à internet, como a Lulu, basta um *click* para entrar numa página com conteúdo pornográfico¹⁶. Na rede, proliferam-se inúmeros *sites* de modo que, para ler, ouvir ou ver a pornografia, as mulheres não precisam mais se expor procurando DVDs pelas salinhas mais retiradas das locadoras, olhando para os cantos das bancas de revistas onde ficam as embalagens lacradas, ou entrando disfarçadamente nas salas de cinema pornô. Para Nuno César Abreu (1996) a sexualidade tem na pornografia um “veículo para se expor publicamente e uma indústria se desenvolve para produzir e comercializar as representações interditas, assegurando sua circulação no espaço permissivo instituído na encruzilhada das incertezas, do moralismo, da liberação dos costumes e de seus amparos legais” (ABREU, 1996, p. 38). Faz-se relevante comentar que, embora a veiculação de diversas práticas sexuais pela mídia possa ter contribuído para despatologizar determinadas práticas que eram consideradas anormais, “sujas”, perversas, como, por exemplo, o caso do sadomasoquismo, por outro lado, é importante pensar que, a exibição dessas imagens atua ensinando determinados modos de praticar e de experimentar o sexo. Desse modo, ao afirmar determinadas formas de viver a sexualidade, a pornografia também atua, necessariamente, no estabelecimento dos contornos, limites e possibilidades para o sexo.

Por muito tempo, como nos disse Badinter (2006), a pornografia foi uma atividade eminentemente relacionada ao masculino. Hoje, com a disseminação da pornografia pela internet é possível pensar que esse direcionamento de gênero seja perturbado. Abreu (1996) aponta que, de maneira geral, até a década de 1980, entende-

¹⁶ Cabe lembrar que já foram feitas tentativas de separar, diferenciara pornografia do erotismo, entretanto Abreu (1996) aponta a “impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico” uma vez que, ambos, ao se instalarem transgridem as interdições socialmente impostas, sendo que a possibilidade de traçar uma fronteira entre eles ser totalmente imprecisa. Robbe-Grillet na muito referida frase “a pornografia é o erotismo dos outros” faz uma tentativa de sintetizar esses conceitos.

se que os homens são os sujeitos da pornografia, que ela é produzida para a sua gratificação e o seu prazer; e as mulheres, os objetos. Fato, esse, que desencadeou inúmeros e acalorados debates envolvendo as feministas.

Como inscrevo este texto numa perspectiva feminista, considero relevante comentar, mesmo que brevemente, esses embates. Maria Filomena Gregori (2004) apresenta pelo menos duas correntes feministas que operam de forma antagônica: de um lado o feminismo radical que, desde a década de 1970, se opõem à pornografia, bem como à prostituição, ao sadomasoquismo, à pedofilia e à promiscuidade sexual. Esses grupos, “anti-pornografia”, eram formados por uma parcela das feministas lésbicas que apontavam a relação heterossexual não apenas como uma opção sexual, mas como um determinismo das relações sociais pautadas na heterossexualidade compulsória. Esse movimento teve como precursora a teórica feminista Catherine MacKinnon. Por outro lado, Gregori aponta uma corrente feminista, surgida na década de 1980, congregando mulheres heterossexuais e lésbicas, que problematiza as restrições impostas ao comportamento sexual das mulheres e que vem trazendo ao debate estudos e práticas articuladas aos prazeres do sexo e às opções sexuais¹⁷, ressaltando positivities da pornografia.

A filósofa Beatriz Preciado (2006) vê, na pornografia, um modo de normalizar e, assim, “naturalizar” determinadas formas de experimentar o sexo, as relações entre os corpos, bem como, a temporalização, a espacialização dessas relações. Para ela, a pornografia propõe uma *pedagogia da sexualidade*, uma vez que ela é uma representação, que opera produzindo modelos de sexualidade, ensinando como utilizar os genitais, com quem os utilizar, em que lugares, estabelecendo, assim, uma relação entre espaços públicos e privados, órgãos para o sexo ou não.

No rastro das ideias de Preciado (2006) questiono: se os prazeres do sexo se desprendessem dos diversos dispositivos que regulam e controlam a sexualidade, poderiam vir a ser um local de reivindicação ética e estética? Se não houvesse tanta regulação sobre a sexualidade a favor da heterossexualidade, ainda veríamos tanta

¹⁷Carole Vance publicou certos debates dessas feministas no livro *Pleasure and Danger*, problematizando e perturbando a associação da sexualidade feminina aos modelos de dominação masculina. Gregori aponta que, num artigo desse livro de Vance, Gayle Rubin faz uma relevante crítica a necessidade de sempre se analisar a sexualidade como dependente do gênero, ressaltando a necessidade de se descolar a sexualidade do gênero, bem como, o gênero do corpo sexuado (GREGORI, 2004).

repulsão, fobia em relação à possibilidade de viver os prazeres do sexo escapando da lógica heterossexual? Seríamos capazes de escapar da heteronormatividade?

Em algumas falas das blogueiras foi possível observar como o sexo quando dissociado da experiência heterossexual, ainda ocupa o lugar do diferente, do bizarro, da fobia. Falas que demonstram o quanto é ainda difícil romper as amarras que mantêm colados a um corpo de mulher a feminilidade e a heterossexualidade:

Minha sorte no orkut: 'Sorte de hoje: você e sua mulher terão uma vida feliz'. Bizarro! Bizarro!!! (Jana 29/01)

o mais legal é que ela é super franca na matéria da boa forma, viu? Isso é que musa de catigúria...só não vou imprimir a foto e colar na geladeira pq meu maridex vai me achar pirada ou pior sapata né? Ahaha que medo.... (Annie, 15/06)

Acabei de ler o terceiro travesseiro e gostei, passado os primeiros sustos o livro é delicado e foi responsável pelas minhas lágrimas de hoje...Lindo adorei e indico....lembre-se é um romance bissexual...é diferente é lindo pronto chega de confetes, começo amanhã A borboleta tatuada...depois volto e conto aqui...na dieta? ai nota 7 vai....risos sigo feliz tocando a viola....até amanhã. (Annie, 06/03)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nuno César. **O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercados das Letras, 1996.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado: O feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOZON, Michel. Sexualidade e conjugalidade. As reformulações das relações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas. n.20. p. 132-156 jan./jun., 2003.

COSTA, Valmir da. **Mulher Nova, Mulher Sexy: a mulher que não existe**. SINPRO CULTURA, Sindicato dos Professores de Campinas e Região. Campinas: Edições de Maio, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. V.I, Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GOLDEMBERG, Mirian. O corpo como capital. (Org.) GOLDEMBERG, Mirian. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri, SP: Estação das letras, 2007. p. 17-31.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio

(Orgs.) **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 235-255.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In: ABOUD, Sérgio; LOPES, Denílson; BENTO, Berenice; GARCIA, Wilton (Orgs.). **Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura**. ABEH, 2006.

LOVISOLO, Hugo; VOTRE, Sebastião. Novos Rumos no feminismo. **Revista de Estudos feministas**, Florianópolis v.15 n.3 set/dez 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como instituintes da maternidade. In. MERCAO, Francisco; GASTALDO, Denise; CALDERÓN, Carlos (Org.). **Paradigmas y diseños de la investigación cualitativa em salud: uma antologia iberoamericana**. Universidad de Guadalajara: Asociación Médica de Jalisco, 2002. p. 375-401.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista em vídeo – Redes. La2 em 16 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www.beatrizpreciado.com/audiovisual.htm>>. Acesso em: 10 de jul 2009.

SANTOS, Daniela Barsotti; SILVA, Rosalina Carvalho da. Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, jun. 2008 .

SWAIN, Tânia Navarro. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 261-270.